

2

Atualidade e importância do tema da misericórdia

Neste capítulo em que começamos a estudar a principal obra sobre a misericórdia do autor Walter Kasper e os ensinamentos do Papa Francisco, destacaremos questões como a atualidade e a importância do tema da misericórdia. Primeiramente, nas reflexões de Walter Kasper, tomando dados dos primeiros capítulos do seu livro e também do último capítulo do mesmo livro. Depois, sobre as catequeses e ensinamentos do Papa Francisco no Jubileu. Para finalizar esse nosso capítulo da pesquisa, completaremos com uma terceira seção, de comentário, recorrendo ao que vimos antes e a contribuições de outros autores que confirmam esses temas de atualidade e importância da misericórdia e de cultura da misericórdia.

2.1

Nas reflexões de Walter Kasper

O presente capítulo tem por objetivo apresentar uma síntese do estudo do autor Walter Kasper na obra “*A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã*”; observando os clamores pela misericórdia no mundo, principalmente no contexto dos séculos XX e XXI. O autor levanta duas principais indagações: Onde estava e onde está Deus enquanto tudo isto acontecia? Por que o permite, por que não intervém?¹ Com isto ele quer mostrar um clamor atual pela misericórdia.

E dessa pesquisa inicial, surgem possíveis respostas, que levam a um confronto e à realização da experiência da existência de Deus e sua consequência na vida da Igreja e do mundo. Dessa investigação, nasce a necessidade de elaborar os princípios da misericórdia, não apenas a profundidade de um simples fato racional, mas sim no acúmulo de formas novas de explicar sobre o contexto social, levando a uma transformação da sociedade no desejo de ter novas alternativas satisfatórias para cultivar uma cultura da misericórdia.

Dessa forma é proposta uma investigação do clamor sofrido pelo mundo e o abandono dos outros e suas consequências. Esta necessidade de responder a esse clamor parte da urgência de buscar valores humanos perdidos, mas essenciais na vida humana,

¹KASPER, W. *A Misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. [trad.: Beatriz Luiz Gomes]. São Paulo: Loyola, 2015, p. 14.

porque somente assim pode-se atender a essa necessidade de cultivar uma cultura da misericórdia.

Na ocasião em que preparava ciclos de palestras, inicialmente, Walter Kasper tinha a intenção de desenvolver temas relacionados à misericórdia. Posteriormente, foi se acentuando a pertinência especial dessa questão, exigindo um estudo aprofundado, evidenciando a busca por respostas cabíveis de verificar a misericórdia de Deus. Estas percepções do mundo sufocado pela aparente indiferença de Deus podem ser sucumbidas na angústia por respostas imediatas, resultando em “negar a Deus e negar-se a si mesmo.”² O aprofundamento do estudo da misericórdia ajudaria a afirmar a Deus e a si mesmo.

Na ocasião em que preparou no início, Walter Kasper tinha como intenção de desenvolver temas relacionados à misericórdia para ciclos de palestras, e, posteriormente foi se acentuando a pertinência especial dessa questão e, que exigia um estudo aprofundado, tornando clara a busca por respostas cabíveis de verificar a misericórdia de Deus. Estas percepções do mundo sufocado pela aparente indiferença de Deus podem ser sucumbidas na angústia por respostas imediatas, resultando em “negar a Deus e negar-se a si mesmo.”³ O aprofundamento do estudo da misericórdia ajudaria a afirmar a Deus e a afirmar a si mesmo.

O motivo da crise do sofrimento é a falta de postura da maioria das pessoas nos diversos campos. Essa falta além de não aliviar as diversas experiências sofridas pelo ser humano, não auxilia a responder aos questionamentos. Em geral as pessoas abandonando as respostas antigas de fé e não encontram novas respostas⁴. Por isso, o vazio interior humano aumenta, gerando confusão, perda da dignidade e da identidade.

Kasper alude a diversas perguntas sobre a existência humana. E alguns autores são investigados por ele para considerar possíveis respostas: por exemplo, pesquisando o filósofo Albert Camus, ele investiga o sentido da negação de si mesmo e de Deus, gerando a crise do mundo e aumentando o problema do suicídio, pela razão última de um sofrimento angustiante sem resposta. Desta maneira, podemos mencionar o conflito do vazio e a indiferença das pessoas aos próximos e ao mundo, como provocadores da desarmonia entre o homem e Deus.

² Ibid., p. 14.

³ Ibid., p. 15.

⁴ Ibid., p. 14.

Esta análise revela a dificuldade e os desafios para uma melhor compreensão de Deus, já que desconsiderando Deus, o homem é instigado também a desistir da esperança. Por causa disso, toma conta dele o conformismo e a resignação, afetando toda a dinâmica de um encontro de um Deus amoroso, o que possibilitaria reintegrar o homem à vida. E, o resultado dessa experiência é o conceito de um Deus diverso, não de um Deus que utiliza de forças caóticas para castigar ao homem por sua ação no mundo, mas sim um Deus misericordioso. Então, as pessoas, em vez de terem uma ideia opressiva de Deus, elas encontram no perdão oferecido, uma motivação para buscar e fazer misericórdia.

Diante desse conflito existencial atual e muitas contradições no mundo, Walter Kasper menciona a existência de Deus, justo e misericordioso, o único capaz de reconstruir e transformar o mundo, inundando-o de coragem e esperança nesta vida. Por isso, existe o clamor tão essencial:

Se não fomos capazes de anunciar de uma forma nova a mensagem da misericórdia divina às pessoas que padecem de aflição corporal e espiritual, deveríamos calar-nos sobre Deus.⁵

A pesquisa da misericórdia, além de procurar um dado, investiga a problemática do mundo moderno e seus clamores urgentes por um Deus. Por outro lado, percebe que no mundo contemporâneo, homens da Igreja, com forte motivação, proporcionaram o tema de forma intensa e investigativa, no desejo de inundar de misericórdia a cultura e a prática. Estes homens emblemáticos, como João XXIII e João Paulo II, entre outros, elaboraram em suas catequeses e documentos pontifícios, uma investigação da verdade e do amor de Deus, bom e compassivo, logo misericordioso. A partir do exemplo de suas vidas e seus ensinamentos, o desafio era de fecundar o desejo em buscar a misericórdia, como fundamental para a resposta ao clamor humano. Depois dos Papas mencionados por Kasper, podemos acrescentar os ensinamentos e a vida de Papa Francisco.

A misericórdia, segundo Kasper, elaborada a partir dos efeitos dessa cultura e prática do sentir de Deus nos homens no mundo, deve ser novamente estudada e conhecida, começando pela necessidade de restaurar o conhecimento metafísico da existência de Deus, e, desenvolver a compreensão de Deus da História Salvífica dos Textos Sagrados.

⁵ Ibid., p. 17.

O conhecimento sobre a misericórdia levanta a urgência em observar as ponderações e conclusões de maneira satisfatória, de modo a responder aos anseios do entendimento. Pode se levantar os indícios de uma teologia tradicional, mas com uma visão crítica para aprimorar a compreensão e fazer uma teologia moderna, mais próxima aos atributos de Deus, como menciona o autor, com destaque para a misericórdia. O autor, Walter Kasper, faz ver que Deus é um Criador que sofre com suas criaturas:

Assim, em razão do seu ponto de partida metafísico, era difícil para a dogmática falar de um Deus capaz de compartilhar sofrimento. Não haveria outro remédio senão excluir o dado de que Deus sofre (*pati*) com as suas criaturas num sentido passivo: só se poderia falar de compaixão e de misericórdia num sentido ativo, no sentido em que Deus Se opõe ao sofrimento das suas criaturas e o remedeia. A pergunta permanece em aberto é se, com isto, se faz justiça à compreensão bíblica de Deus, que sofre com as suas criaturas e, enquanto *misericors*, tem um coração (*cors*) junto dos pobres e para os pobres (*miseri*). Um Deus concebido de forma tão apática pode realmente sentir empatia?"⁶

A misericórdia de Deus carece de uma investigação maior a ser elaborada a partir dos manuais teológicos e da formação catequética de modo que possa ser constatada na vida prática do indivíduo como um reflexo da qualidade pastoral. A mensagem de Deus deve alcançar todos cristãos, e, provocar conversão, pessoal e comunitária. O conhecimento não deve ser abstrato, mas prático, motivando o indivíduo a um relacionamento interpessoal, levando a uma postura experiencial de Deus na vida da Igreja e da sociedade. Isso vale para o tema da misericórdia e para que as pessoas não pensem que Deus seja indiferente. Como é mencionado na obra de Walter Kasper:

(...) um Deus concebido de modo tão abstrato parece-lhes muito afastado da sua situação pessoal; parece-lhes que pouco ou nada tem a ver com a situação de um mundo no qual se sucedem quase diariamente notícias aterradoras e muitas pessoas são invadidas pelo medo do futuro. Esse distanciamento entre a experiência da realidade e o anúncio da fé tem consequências catastróficas. Pois a mensagem de um Deus impassível é uma das razões pela qual Deus é visto por muitas pessoas como um ser estranho e, afinal, indiferente.⁷

A Igreja pertence à misericórdia e tem a responsabilidade de evangelizar a partir de suas técnicas pastorais, do exemplo de seus seguidores e da sua doutrina, porém, deve enviar ao mundo uma consciência precisa e reta, diferente de uma consciência que está no mundo. A teoria deve estar ligada ao agir, aprofundando questões sociais onde possa se estabelecer mais justiça e encontro com o Evangelho.

⁶ Ibid., p. 25.

⁷ Ibid., loc. cit.

Portanto, a Igreja se vê cercada por um debate desafiador sobre o sofrimento que acontece em diversos campos da sociedade como: guerras, fomes, corrupções e outros males, todos eles revelando um desrespeito ao próximo. Observando isso, sente a necessidade de responder a essa desvalorização da sociedade em relação ao outro, oferecendo meios de atuação que propiciem um atendimento eficiente, fundamentado na misericórdia.

Sobre a relação do estudo da misericórdia com o resultado assumido pela Igreja em sua prática se verificam ao longo dos séculos diversas interpretações, que hoje podem nos permitir uma cultura da misericórdia. Em muitos momentos da História não houve um entendimento claro, e, conseqüentemente resultou no esvaziamento da proposta da misericórdia, e com isto os resultados foram percebidos na maneira da Igreja em encarar os momentos históricos da humanidade. Hoje podemos avançar para o condicionamento de uma cultura da misericórdia. E, como consequência dessa distância entre o teórico e o prático, Walter Kasper, apresenta uma crítica pertinente:

(...) se tenha degradado com frequência, degenerando numa pastoral e numa espiritualidade “suaves”, numa brandura sem energia nem vigor, carente de determinação e de um perfil claro e que procura unicamente fazer justiça, de um ou outro modo, a qualquer pessoa.⁸

Esta relação do prático e do teórico mostra em muitos casos a misericórdia afastada da justiça, e podendo em muitos casos serem duvidosos os argumentos que declarem uma situação justa. As influências legalistas e contraditórias resultam em um juízo negativo da misericórdia, provocando dificuldades no legado das práticas da misericórdia, sejam em sentido físico ou espiritual. Ora, atrapalhando a consciência pessoal e coletiva ao relacionar a misericórdia com a justiça, manifestam as pseudomisericórdias, como menciona o autor: “o sim já não é um sim e o não já não é um não” – “a misericórdia – não supera as exigências da justiça, mas antes permanece abaixo delas, então torna-se uma pseudomisericórdia.”⁹

Walter Kasper ainda adiciona à constatação do afastamento da misericórdia, a vida da Igreja, em que falta um estudo sistemático nos manuais teológicos, não identificando uma descrição fundamental da misericórdia como característica ontológica e metafísica de Deus. Também ocorre o esvaziamento das práticas de misericórdia, e

⁸Ibid., p. 21.

⁹Ibid., p. 24.

com isso resulta da pesquisa de Kasper a centralidade da misericórdia na vida e no resultado prático de hoje para a Igreja.

A falta do conceito da misericórdia, que parte de uma realidade da autorrevelação histórica¹⁰, é que desconsidera as realidades e os atributos metafísicos. Portanto, Walter Kasper deseja valorizar a misericórdia, como atributo importante para o entendimento da compaixão de Deus aos homens:

(...) no marco dos atributos metafísicos divinos, apenas existe lugar para a misericórdia, a qual não resulta da essência metafísica de Deus, mas sim da sua autorrevelação histórica, o mesmo se passando em relação à santidade e à ira de Deus, isto é, à sua oposição ao mal. Nestes termos, esquecer a misericórdia não é um problema marginal e secundário da doutrina de Deus; antes pelo contrário, isso confronta-nos com o problema fundamental da determinação da essência de Deus e dos atributos divinos em geral, e obriga-nos a reformular a doutrina de Deus.¹¹

A tradicional doutrina esquece a investigação dos atributos metafísicos, não contendo um conceito de sua origem, mas sim levando em conta apenas sentimentos humanos para classificar algo advindo de Deus, como no caso do sofrimento em relação à misericórdia, muito entendido como sofrimento ligado à carência afetiva. Desta maneira, não fica claro o que os manuais transmitem sobre Deus e sua essência e o entendimento sobre o conceito da misericórdia.

Estas informações importantes sobre a crítica da misericórdia no modo atual mostram os resultados de uma Igreja cada vez mais afastada de uma essência inicial. Pois, não obtendo uma informação concreta do conhecimento sobre Deus, e suas constatações metafísicas, assim como seu desdobramento da ação misericordiosa, pode vir a se tornar, mesmo dentro dos espaços teológicos e eclesiais, um Deus que parece ficar desconhecido e indiferente:

(...) um Deus concebido de modo tão abstrato parece-lhes muito afastado da sua situação pessoal; parece-lhes que pouco ou nada tem a ver com a situação de um mundo no qual se sucedem quase diariamente notícias aterradoras e muitas pessoas são invadidas pelo medo do futuro. Esse distanciamento entre a experiência da realidade e o anúncio da fé tem consequências catastróficas. Pois a mensagem de um Deus impassível é uma das razões pela qual Deus é visto por muitas pessoas como um ser estranho e, afinal, indiferente.¹²

A misericórdia, para ser sentida no centro na vida e na maneira de atuar da Igreja deve resultar da ação de Deus na prática comum, gerando a misericórdia. Essa capacidade de manter o relacionamento da misericórdia com a conversão; resulta no

¹⁰Ibid., loc.cit.

¹¹ Ibid., p.24.

¹²Ibid., p. 25.

entendimento da misericórdia como a própria justiça de Deus, a sua santidade.¹³ A capacidade da justiça de Deus na vida dos homens se percebe na afetividade dos membros desse grupo em um mesmo propósito de transmissão da verdade, imagem caritativa capaz de resplandecer uma empatia tão importante na vida do indivíduo, que mantém é a percepção de um Deus bom e compassivo.

Walter Kasper menciona o tema da misericórdia na filosofia e na teologia. No vasto conhecimento pesquisado nos campos teológico e filosófico, Kasper descreve o perigo de afastar o conceito bíblico teológico em função das diversas correntes ideológicas e filosóficas surgidas ao longo dos séculos, que passam a ser admitidas como verdade, provocando o risco de tornarem confusos os termos teológicos, e afastarem o entendimento sobre a misericórdia.

Chama-nos a atenção o fato das correntes ideológicas de perpetuarem a justiça como grito para retirar o sofrimento do mundo, mesmo não tendo um credo ou uma prática religiosa. E, portanto, era necessário transformar essa realidade, apresentando percepções novas para um conhecimento tão necessário e que correspondesse à humanidade, sendo verdade de fé e que mostrasse a ideologia um conhecimento marcado por Deus e sua Revelação. Kasper menciona, entre alguns autores, dois que nos chamam a atenção: Nietzsche que em seu texto anuncia que Deus está morto; a sua compaixão pelos homens matou-O, e ainda Marx na crítica em que afirma que a religião é o ópio do povo¹⁴.

Nesses dois teóricos mencionados acima se vê o desejo em superar o sofrimento, com um vasto esclarecimento teórico ideológico, que fogem dos modelos descritos pela ciência até então. E esses teóricos analisam o sofrimento como uma deficiência contra a superação de coragem frente aos desafios humanos. Entende-se isto como uma falta de estima pessoal e, portanto, um sentimentalismo exagerado frente às contrariedades do mundo. É preciso chegar a um contexto com os valores constatados até então, como misericórdia ou compaixão.

A superação destas ideologias defendidas nasce da necessidade da pesquisa de diversas linhas da ciência em aprofundar o termo da “compaixão” e “misericórdia”. O mundo frente às diversas crises e pela busca comum de sua identidade, pode de modo

¹³Ibid., p. 27.

¹⁴Ibid., p. 27.

geral ser transformado pela empatia da necessidade natural de estar perto do transcendente e perceber que as fontes pela busca de resposta nasçam do conhecimento de Deus. Essa busca incansável reconhece nas situações e nas experiências pessoais o agir de Deus no caos e ajudando o homem a superar as condições de contrariedades e capacitando-o para a verdade e justiça. Isto só é possível por uma nova maneira de encarar o mundo e identificar uma forma esclarecedora de afetividade junto ao transcendente. Como nos descreve Walter Kasper:

A compaixão – ou, como se prefere dizer a empatia, isto é, a compreensão por meio da identificação afetiva – transformou-se num novo e importante paradigma das modernas psicologia, psicoterapia, pedagogia, sociologia e pastoral.¹⁵ Identificar-se com a situação, com o mundo de sentimentos, pensamentos e experiências existenciais de outra pessoa, colocar-se no seu lugar, a fim de entender a sua maneira de pensar e de agir é hoje, em geral, tido como condição indispensável das relações pessoais bem-sucedidas e demonstração de verdadeira humanidade.¹⁶ Logo, “em vez de “empatia”, há os que preferem, numa linguagem atual, falar de “compaixão”.¹⁷

Ao enfatizar as pesquisas das diversas ciências em capacitar o humano a entender as diversas crises e as superar, Walter Kasper fala-nos sobre o relato bíblico, em que percebe o clamor da misericórdia que pode ser encontrado no Antigo e no Novo Testamento, sem minimizá-las no sentido de uma misericórdia mal entendida, fazendo assim abrandar as inequívocas e vinculativas exigências bíblicas de justiça.¹⁸ Por isso, um estudo dos textos bíblicos ajuda a compreender os legados da compaixão e misericórdia, identificando sua origem (em Deus) e a proposta para seu exercício nas diversas dimensões da vida humana. Transformando o clamor em uma resposta consciente e futura para a Igreja e a vida prática neste mundo.

Apesar das diversas linhas de conhecimento no desejo de superar as diversas correntes de pensamentos em torno da compaixão e misericórdia, Walter Kasper centraliza a questão do mistério de Deus, sua iniciativa divina e Revelação, contida nos textos Sagrados. Esse contato, superado pelo encontro do homem e sua experiência de Deus, não afasta o homem das dúvidas, inerentes à trama humana, mas sim o ajuda a combater o mal humano que o limita, muitas vezes, em ser mais fraterno em suas relações cotidianas, tornando-se assim forte combate à indiferença e ao egoísmo. Portanto, Kasper deixa claro que, da superação das ideologias, nasce uma experiência

¹⁵ Ibid., p. 30.

¹⁶ Ibid., p. 31.

¹⁷ Ibid., loc. cit.

¹⁸ Ibid., p. 32.

do ouvir a voz de Deus e que inspirados por ela superamos as crises. Percebemos isto na maneira do autor tratar a justiça e a misericórdia na essência da mensagem bíblica:

(...) na Bíblia sabe também que a justiça perfeita nunca é alcançada neste mundo. Por isso, em face das injustiças que não podem ser eliminadas, fala-se nela de esperança escatológica na justiça de Deus. Nisto, a Bíblia supera o clamor pela justiça com o apelo à misericórdia. Ela entende a misericórdia como a própria justiça de Deus. Enquanto superação da justiça, e não como relativização da mesma, a misericórdia constitui o núcleo da mensagem bíblica. O Antigo Testamento apresenta Deus como um Deus clemente e misericordioso (cf. Ex 34,6; Sl 86,15 etc.), e o Novo Testamento chama a Deus o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação (2Cor 1,3; cf. Ef 2,4).¹⁹

Diante de tantas situações como essas, que não levam em conta a justiça e a misericórdia, seria natural o afastamento pela religião. Apesar disto, vemos em muitas esferas e culturas da sociedade, um movimento de pessoas em aprofundar uma mística intimista, em busca de uma oração, e uma espécie de consolo em meio às diversas crises e dramas humanos. Por isto, Walter Kasper apresenta em sua pesquisa o desejo de superar o clamor por uma resposta que atendesse à dificuldade de relacionamento com Deus, desejando encontrar o centro da essência de Deus, sua misericórdia:

(...) o tema da misericórdia não tem a ver só com as consequências éticas e sociais desta mensagem; trata-se sobretudo de uma mensagem sobre Deus e a sua misericórdia que só em segundo lugar é sobre o mandamento que daí resulta para a conduta humana. O discurso sobre a empatia e a compaixão pode constituir um ponto de partida para reflexão teológica sobre este tema. Pois o mal e o sofrimento são tão antigos como a humanidade, são uma experiência humana universal. Todas as religiões se interrogam, de um ou outro modo, sobre a origem e a causa do sofrimento, bem como sobre o seu sentido; questionam-se sobre a salvação em relação com o mal e o sofrimento, mas também sobre a forma de os enfrentar e a fonte onde poderão obter a força para os suportar. Assim, a compaixão não é unicamente uma experiência do mal e do sofrimento próprios do nosso tempo, mas sim um tema que responde a uma experiência humana universal.²⁰

As perguntas são importantes à razão para esclarecer-nos sobre a incapacidade dos sentidos em decifrar as provas da misericórdia de Deus, seja pelos gestos ou palavras. Portanto, se faz mister esclarecer as urgências pelas respostas, favorecendo e reconhecendo nos textos Sagrados, enriquecendo sempre mais o conceito desta essência: a misericórdia. E, deste fato inquestionável, com as verdades da fé no conjunto da Sagrada Escritura, nasce a necessidade de verificar o conceito da palavra misericórdia.

¹⁹Ibid., p. 32.

²⁰Ibid., p. 33.

Sobre a palavra misericórdia, existe a dificuldade de se transmitir um conceito exato.²¹ E, nesta dificuldade se faz necessário recuperar os fatos filosóficos que ajudaram na busca por um conceito que ajudasse as diversas linhas de conhecimentos a elaborarem um significado que transmita a essência da palavra misericórdia. Além da investigação filosófica, temos a mensagem da fé cristã que mostra como entender a misericórdia.

Temos dois exemplos desse resgate, Santo Tomás e Santo Agostinho que, como afirma Kasper, interpretaram o termo “misericórdia” segundo o seu sentido linguístico: “ter o coração (*cors*) com os *miseri*, com os pobres e aflitos no sentido mais amplo de uma e outra palavra.”²² Conforme Santo Agostinho e São Tomás, a compaixão e a misericórdia não são apenas sentimentos, suscitados pela experiência do sofrimento do outro; porque além de atitudes afetivas, são ao mesmo tempo, efetivas, pois procuram combater e superar a carência e o mal.²³

A misericórdia para Santo Tomás é entendida como resgate da justiça, soberania máxima do amor inefável de Deus, por isso, a misericórdia não contradiz a justiça; mais do que deixá-la sem efeito, transcende-a. A misericórdia é o cumprimento da justiça.²⁴ Neste princípio, Walter Kasper analisa a descrição filosófica com os clamores de justiça do mundo, e, a forma individual de pessoas de boa vontade em influenciar-se pelo bem e transmitir ao mundo a assistência aos mais necessitados. Encontramos uma assistência aos pobres e aos enfermos, desenvolvendo no mundo uma cultura da filantropia.

Ao descrever a origem dessa misericórdia, percebemos que muitos pensadores analisaram no sentimento da compaixão, expresso no amor caritativo ao outro e na aproximação das dores do próximo. Em Jean-Jacques Rosseau: a compaixão é um sentimento que precede toda a reflexão; trata-se da origem de todas as virtudes sociais, pois na base da compaixão está a capacidade de se colocar no lugar do outro; assim, só a compaixão permite que o indivíduo estabeleça uma relação social com as outras pessoas.²⁵

²¹Ibid., p. 35.

²²Ibid., p. 38.

²³Ibid., loc. cit.

²⁴Ibid., loc. cit.

²⁵Ibid., p. 39.

Os filósofos modernos tinham a preocupação, como apresenta Kasper, em mencionar o problema ético da compaixão como a maneira de ser recíproco ao mundo moderno em que crescia a influência individualista, por isso, a ideia clara era transmitir sentimentos éticos e morais, que expressassem o cuidado e o dever de exercer a compaixão aos outros.

A cultura da compaixão descrita por Walter Kasper, de maneira geral, responde às perguntas do pensamento filosófico moderno, apesar da percepção de alguns autores não mencionarem a ideia de experiência com Deus, mas o cristianismo exerceu com isso uma influência duradoura na cultura europeia e na cultura da humanidade, influência essa que continua a fazer-se sentir na atualidade se bem que, frequentemente, sob formas secularizadas.²⁶ Portanto, em muitos textos filosóficos modernos se percebe a forma de mencionar a compaixão em uma maneira complexa, como na tentativa de alcançar os indícios da misericórdia advinda de Deus.

Esta ideia fica clara quando se menciona Arthur Schopenhauer:

(...) o centro da ética. Segundo ele, a compaixão constitui um fenômeno cotidiano. É a participação imediata no sofrimento de outro ser. Por meio da compaixão assim entendida, o muro entre o “eu” e o “tu”, antes intransponível, é pouco a pouco desmantelado. Deste modo, Schopenhauer pode descrever a compaixão como conhecimento próprio no outro, elevando-a a princípio de toda a moral. E mais: chega a qualifica-la de mistério da ética.²⁷

Nos séculos XX e XXI surgiram diversas correntes filosóficas que pensaram o conceito da compaixão, procurando a reflexão de um conceito geral no qual satisfaça o ideal de bondade ética e moral, correlacionado à justiça e ao direito. Em um dos filósofos citados, como Max Scheler, que descreve a compaixão como “um fenômeno humano original”²⁸. Nesse sentimento de compaixão, distingue a compaixão como contágio sentimental e a compaixão autêntica, que expressa uma relação pessoal como sofrimento.

Dessa forma, Walter Kasper elabora o seguinte pensamento, depois de mencionar toda a história filosófica; e enriquece o sentido teológico, observando todo o contexto atual. Ele fala na doação:

O dar e doar têm uma estrutura dialética; no dar não se doa só algo, mas também aquele que dá, que se dá a si mesmo; o dom é um sinal de autodoação. Ao mesmo

²⁶Ibid., p. 39.

²⁷Ibid., loc. cit.

²⁸Ibid., p. 41.

tempo, no ato de dar aquele que doa desprende-se irrevogavelmente do que é doado; já não pertence a ele, mas ao outro. Assim, no ato de dar, aquele que doa diferencia-se de si mesmo; no dar, dá-se a si mesmo e, contudo, continua sendo quem era.²⁹

Diante das diversas correntes filosóficas, é possível constatar contradições sobre o sentimento da compaixão e onde deve estar a misericórdia vinda de Deus, pois tais motivações podem capacitar as respostas. E temos a seguinte afirmação de Kasper que a misericórdia é um acontecimento livre:

(...) com efeito, a misericórdia é, por essência, um acontecimento livre e que não deriva de nada, que só pode ser acolhido ou afastado livremente. Assim, de um ponto de vista meramente intelectual, cabe constatar a “ausência de algo”, a falta de algo, quando se deixa de falar de misericórdia.³⁰

É possível então notar a grande contribuição da filosofia, para uma construção sistemática ou crítica de dois modelos de se entender a misericórdia, em que a Revelação aprimora o conceito e a filosofia observa as inerentes contribuições racionais. Portanto, existe uma intenção evidente do autor em mostrar a relação simples entre a filosofia e a teologia. Filosofia e Teologia podem cooperar.

O fenômeno religioso ligado às diversas linhas filosóficas favoreceram a identificação do mundo material com o poder transcendente, facilitando à humanidade mergulhar na busca pelo bem, mas por outro lado, a ideia religiosa ficou em muitos casos restrita aos templos e às organizações sociais cristãs, não transformando a religião em uma motivação racional e concreta para viver no mundo a misericórdia.

Por isso é necessário conhecer a pessoa de Cristo como motivação para inundar o mundo com a regra de ouro, a qual, como afirma o autor, está presente em muitas religiões. Esta regra permite entender a necessidade de inspirar o bem aos outros e valorizar o próximo, como único e exclusivamente outro ser vindo do coração de nosso Deus. Como afirma Walter Kasper:

A regra de ouro afirma que uma pessoa não deve fazer aos outros nada que não queira que os outros façam a ela. A sabedoria popular expressa-o da seguinte forma: “Não faças aos outros o que não queres que façam a ti.”³¹

Portanto, Jesus assumiu a regra de ouro em sua missão, tendo como foco principal o Sermão da Montanha, desenvolvendo algo muito mais profundo do que na busca pelo sentido da Lei, mas se constata em Jesus o valoroso motivo pelo qual insiste

²⁹Ibid., p. 48.

³⁰Ibid., p. 48.

³¹Ibid., p. 55.

em capacitar o ser humano ao bem, o amor Revelado pelo Pai no agir incondicional de Jesus.

A ética cristã está fortemente ligada à tradição universal da humanidade de que se deve fazer o bem e, cabe unir tais conhecimentos, o filosófico e o teológico. Deve buscar uma maneira compreensível da união da proposta de Cristo, como também a abertura para um “diálogo inter-religioso”.³² E esta ética é a regra de ouro, em si mesma aberta e indeterminada, através de sua mensagem de amor.³³

Porém, a Igreja diante do conhecimento técnico das diversas teorias sociais e econômicas não deve ficar no nível meramente informativo, mas capacitar os membros em aproximar-se dos conhecimentos seculares, dos assuntos sociais e debates coerentes, relacionados à justiça social, e também uma melhor compreensão da ética e moral no mundo pós-moderno. A Igreja deve elaborar mecanismos Evangelizadores que suscitem nas pessoas uma identificação da misericórdia, levando ao gesto concreto:

No entanto, seria completamente errôneo sustentar que a ordem econômica e social tem unicamente a ver com questões técnicas objetivas; não, a ordem econômica e social afeta as pessoas e a configuração e a manutenção da vida humana, a convivência humana e, em muitos casos, a sobrevivência humana.³⁴

A Evangelização comprometedora aprimora o equilíbrio do homem em todos os seus sentidos, levando a condições dignas de aceitação de si e dos outros, mesmo diante de tantos componentes inseguros que trazem risco para o desenvolvimento da maturidade religiosa e afetiva, isso tudo em sintonia com a experiência de uma cultura da misericórdia:

O homem é mais do que aquilo que come. Necessita de afeto humano e depende de que os outros o tratem pelo menos com um pouco de misericórdia. Por isso, a monitorização do social hoje predominante implica uma amputação e uma redução do ser humano. A sociedade em que isso acontece perde a sua alma e transforma-se num sistema desprovido de alma.³⁵

Apesar de toda a pregação e anúncio da Igreja, a perda da identidade se percebe visualmente na sociedade, levando às crises pessoais, comunitárias e religiosas. Leva a humanidade de maneira circunstancial a caminhar para comportamentos mais frios e intoleráveis, afetando toda a estrutura antropológica, e desestruturando o princípio de amor e doação ao outro. Ao quadro dessa situação da crise dessa identidade

³²Ibid., p. 57.

³³Ibid., loc. cit.

³⁴Ibid., p. 221.

³⁵Ibid., p. 222.

peçoal a Deus, nasceram diversas interferências que procuram superar estas crises do mundo pós-moderno.

Assim, a iniciativa evangelizadora deve provocar ao Evangelho da misericórdia, com modelos claros e urgentes, unindo sempre o modo de teórico com agir ético. Este conhecimento relacionado com o transcendente ajuda a sociedade a encarar o outro como criatura gerada sob a autoridade de Deus, sendo um antídoto para preencher totalmente o vazio existencial pessoal. A urgência perene desse conhecimento se faz compreensível quando o homem percebe sua real necessidade no mundo:

O homem é mais do que aquilo que come. Necessita de afeto humano e depende de que os outros o tratem pelo menos com um pouco de misericórdia. Por isso, a monitorização do social hoje predominante implica uma amputação e uma redução do ser humano. A sociedade em que isso acontece perde a sua alma e transforma-se num sistema desprovido de alma.³⁶

O papel evangelizador é incompreendido por muitas esferas da sociedade, fragmentando os diversos meios dessa evangelização. A crise do vazio existencial afeta a compreensão da essência de Deus, e, por consequência, a vida humana entra no caos nas dimensões espirituais, psicológicas e antropológicas. A Igreja tem a forte necessidade de elaborar meios para não esmorecer diante dessa problemática:

Daí que a atual crise econômica e financeira seja, em última análise, uma crise antropológica e espiritual. As pessoas preocupam-se com o preço das coisas e interrogam-se sobre o que é econômico e o que não é, mas esquecem-se de perguntar o que tem valor para a pessoa e para sociedade. A fim de não permitir que esta pergunta sobre o humanamente valioso e digno de ser vivido caia no esquecimento, a Igreja deve pronunciar-se e imiscuir-se nas questões éticas, econômicas e sociais, não para defender a sua própria causa e os seus próprios interesses, mas em benefício dos seres humanos e da qualidade humana da sociedade.³⁷

A crise afeta a sociedade globalizada. Os diversos modelos econômicos e sociais facilitam o capital financeiro de países ricos e ao mesmo tempo são modelos excludentes aos mais pobres, pois favorecem rentabilidade por parte dos grandes empresários. Esta situação atinge principalmente os países pobres, onde muitos vivem a pobreza ao extremo: crianças morrem de fome, os trabalhos braçais são substituídos pela mecanização. O resultado são as extremas indiferenças sociais, em que os bens são distribuídos de modo injusto. A tentativa de superação dessa crise econômica e social pode e deve ser a tentativa de uma cultura global:

³⁶Ibid., loc. cit.

³⁷Ibid., p. 223.

Do que necessitaríamos era de uma economia de mercado global, mas esta pressupõe uma *global governance*, algo que, sendo-se realista, poderia no melhor dos casos ser alcançável sob a forma de tratados intergovernamentais. Mas esses, por sua vez, também são, infelizmente, bastante difíceis de subscrever.³⁸

A Igreja desenvolveu ao longo dos séculos uma resposta para esta crise mundial. No século XX, surge um debate social próprio, recorrendo aos filósofos São Tomás e Aristóteles. Na Igreja surge uma doutrina própria desenvolvida por Leão XIII na encíclica *Rerum Novarum* (1891). “O ponto de partida e o fundamento da doutrina social católica é a imagem cristã do ser humano, e, em contato, a incondicional dignidade de toda e qualquer pessoa.”³⁹ A Igreja, portanto, valorizando as capacidades pessoais e intransferíveis, busca desenvolver uma integridade social na construção por uma sociedade livre e que aspira por uma responsabilidade aos outros:

Partindo destes pontos de vista – a liberdade, por um lado, e a pertença e a responsabilidade social do ser humano, por outro -, a Igreja propiciou o desenvolvimento do moderno Estado Social. Fazendo-o, a doutrina social da Igreja afastou-se tanto do capitalismo liberal como do comunismo que tudo socializa ou, o que vem a ser o mesmo, do socialismo ideológico. Segundo a doutrina social da Igreja cada pessoa é, em primeiro lugar, responsável por si mesma; mas qualquer pessoa deve ter a oportunidade real de assumir essa responsabilidade sobre si mesma.⁴⁰

A Igreja sempre parte do Evangelho para realizar qualquer descrição social, e “tentar refletir sobre situações sociais humanas de mudança à luz dos fundamentos antropológicos cristãos. Deste modo, baseando-se na sua concepção do ser humano, tenta oferecer respostas aos desafios da situação moderna nascida da industrialização.”⁴¹ A Igreja, ao analisar a Doutrina Social a vê como exigência de responder ao mundo atual, e, observa dois princípios: a subsidiariedade e a solidariedade, como bem descreve o autor Walter Kasper:

A subsidiariedade toma-se a sério na dignidade e na responsabilidade de qualquer pessoa. Daí que a ajuda social deve ser ajuda para que cada qual se ajude a si mesmo, ajuda para autoajuda. Longe de prejudicar ou desincentivar a responsabilidade e o rendimento da pessoa, a ajuda social deve dar-lhe a oportunidade de desenvolver o seu potencial. Por isso, o ideal não é um sistema social burocrático que tudo regula. O princípio da subsidiariedade afirma que cada unidade menor, em primeiro lugar a família e depois as outras unidade reconhecidas, como o município ou as associações, formais, livres, devem fazer e deve-lhes também ser permitido fazer tudo aquilo que sejam capazes de realizar com os seus próprios meios.⁴²

³⁸Ibid., p. 226.

³⁹Ibid., p. 227.

⁴⁰Ibid., p. 226.

⁴¹Ibid., p. 228.

⁴²Ibid., p.230.

A sociedade tornou-se às vezes mais estruturada ou mais fundamentalista. Desenvolvendo o comportamento angustiante e burocrático, sem um ideal facilitador e caridoso. Os dois princípios, apresentados no parágrafo anterior podem ajudá-la a ser criteriosa e objetiva. Portanto, é necessário escutar essa doutrina. Kasper mostra que a Igreja, através do olhar misericordioso de Deus, e dos ensinamentos de João Paulo II e Bento XVI, que desenvolveram textos do magistério que fecundaram o mundo com os princípios essenciais do bem e do amor, tornando a mensagem do Evangelho mais próxima do mundo contemporâneo e com parâmetros sociais pertinentes. Hoje, dentro do mesmo propósito, temos também o magistério do Papa Francisco.

Vários Papas mencionaram a importância da doutrina social para a Igreja. E a fundamentam com o princípio da justiça em relação com o amor incondicional de Cristo pela humanidade. Na encíclica *Caritas in Veritate* (2009), cuja temática é a doutrina social, Bento XVI desenvolve a essência do amor de Deus, que não deve ser confundida com o sentimentalismo, mas sim no sentido ontológico de Deus, doador do bem e misericórdia, suscitando aos leitores maior entendimento do significado de uma conversão que nasça do ser de Cristo, no agir concreto da história do mundo, como descreve Walter Kasper:

É evidente que o “amor” não pode ser entendido como mero sentimentalismo, como puro sentimento. Ele está profundamente ancorado na essência conferida por Deus ao ser humano; e tem, por fim, uma dimensão ontológica. Pois, segundo a convicção cristã, a vida não é produto de um mero acaso. Tendo ela caráter de dom, vivemos do dom do livre e imerecido afeto que nos oferecem as outras pessoas. Com isto não se alude unicamente aos grandes afetos, mas também aos inúmeros pequenos sinais de estima, entre os quais se encontra também a doação de tempo e de compreensão.⁴³

E além de condutas proibidas, como se percebe no mundo globalizado e seu desenvolver mecanicista, se percebem outros exemplos, tais como:

(...) a escravatura; a mutilação e a tortura; o roubo; a injustiça e a opressão graves; a violação e os abusos sexuais; a xenofobia e a discriminação de todo tipo; a mentira e a calúnia; a propaganda e a publicidade enganosas que causam graves danos físicos ou psíquicos aos outros, mancham a sua honra ou os enganam.⁴⁴

Essas e outras favorecem ao mundo repensar a história de suas relações, com o sentido de sua busca pela verdade e seu clamor por justiça e paz, razões básicas de forte equilíbrio na relação dos indivíduos. Portanto, o Direito e a Justiça devem caminhar juntos no desenvolvimento da paz, oferecendo condições básicas de convívio

⁴³Ibid., p. 232.

⁴⁴Ibid., p. 233.

entre os seres humanos, equilibrando as muitas diferenças, favorecendo uma vida em unidade. Walter Kasper percebe esta urgência de descrever ou apresentar uma saída para tantas crises:

Estes são passos importantes na direção do mandamento de Jesus. O amor e a misericórdia podem revelar-se fontes de criatividade nestes processos, a fim de que se possa avançar da forma o menos violenta possível até uma ordem justa, aceitável por todos os implicados. O que não pode ser só tarefa política. Mesmo sem mandamento político nenhum, personalidades cristãs e grupos e movimentos cristãos (Pax Christi Internacional, AktionSuhnezeichen, Schweterzu Pflugscharem, Terre des Hommes, Comunidade Santo Egídio etc.) podem e devem contribuir muito eficazmente, através do diálogo, do trabalho de reconciliação e dos seus serviços de pacificação e desenvolvimento, para a paz no mundo, acreditando-se como construtores da paz (cf. Mt 5,9)⁴⁵

A experiência do amor concreto vivido na humanidade é a motivação da misericórdia de Deus, centralidade perfeita ao convite inspirador em viver os desafios humanos mencionados, de maneira mais clara, com amor solidário de Deus.

O amor, neste caso é algo positivo para sociedade, pois incentiva a prática pessoal e comunitária, respondendo ao desenvolvimento social de modo a visualizar algo mais do que vivido apenas no coração, mas uma força ou energia que traz o amor de Deus e eterniza a prática cristã, contribuindo assim para um mundo justo e mais social. Os desafios sempre sofrerão transformações ao longo dos séculos, mas dificilmente serão eliminados em sua totalidade. No entanto, de maneira motivadora, podemos perceber que a misericórdia se torna o melhor meio de luta em frente ao caos:

O mundo nunca está acabado; aparecem uma e outra vez novas situações de necessidade, de pobreza, de crise. Sem misericórdia, os novos estados de necessidade não serão muitas vezes descobertos. Fazem falta pessoas que compreendam primeiro a necessidade, a qual muitas vezes aparece inopinadamente, que se deixem comover por ela, que ponham o coração no que fazem e que tomem a peito aquilo de que se apercebem e que, em cada caso concreto, procurem remédio na medida em que tal remédio esteja ao seu alcance. Sem uma tal misericórdia perde-se a base motivadora para o desenvolvimento continuado da legislação social. (...) a misericórdia pode ser qualificada como fonte inovadora e motivadora da justiça social.⁴⁶

A pobreza é um problema percebido também no mundo pós-moderno, em que ainda faz falta o conhecer a Deus e sua misericórdia. Diversos valores catalogados como pobreza podem descaracterizar o conhecimento do sentido profundo da palavra pobreza (ex.: ter poucos bens materiais / não receber respeito e dignidade). Ocorre um erro quando nos referimos à pobreza apenas sob um único matiz, destacando apenas a

⁴⁵Ibid., p. 235.

⁴⁶Ibid., p. 237.

pobreza material, esquecendo outros aspectos que são extremamente importantes e dignos de serem valorizados:

Ao que fica dito acresce, em terceiro lugar, que existem formas de necessidade e pobreza que não podem ser expressadas em termos de rendimento mínimo per capita necessário para satisfazer as necessidades vitais fundamentais. Existem também pobreza e necessidades vitais fundamentais. Existem também pobreza e necessidades anímicas; pobreza relacional, solidão e isolamento; pobreza cultural, associada às dificuldades para aceder à educação e à participação ativa na vida social e cultural; e, por último, pobreza espiritual, que se manifesta no vazio interior e na ausência de sentido e orientação e que, nalguns casos, chega até ao esmorecimento espiritual. (...) A vida humana e uma sociedade verdadeiramente humanitária não são possíveis sem amizade, comunidade, solidariedade e, justamente, misericórdia.⁴⁷

Por ser essência da misericórdia, o amor é a condição básica para que aconteçam os laços do amor divino nas diversas relações humanas. Para tanto é necessário que haja uma correspondência com o perdão, sentimento em que “o amor e a misericórdia têm o seu lugar, antes de mais nada, nas relações humanas de proximidade”⁴⁸. Sem o perdão, o ser humano estaria esvaziado dos direitos em relação aos seus iguais, gerando sentimentos e comportamentos negativos como: egoísmo, mentira, abandono, fofoca, inveja, etc. Por isso, devemos ter o cuidado de não transformar a misericórdia em sentimentos pessoais que visam lucros, temos como exemplo catástrofes naturais, muitos usam a ajuda para servir-se de mobilidade lucrativa ou partidária.

2.2

No ensinamento do Papa Francisco

Nas catequeses do Papa Francisco, chama a nossa atenção o modo como ele convoca os cristãos a refletirem sobre a necessidade de transformar a vida do homem com ações que apresentam um Cristo do perdão e da alegria. Nesta motivação, o Papa Francisco, revela um forte desejo de motivar a humanidade a refletir sobre suas relações pessoais e sobre si.

Ele promove, como solução para o mundo contemporâneo, o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, através da qual deseja capacitar as relações e refletir sobre a necessidade de superar um mundo em crise causada pelo vazio, problemáticas estas, vistas sob o olhar do Evangelho e ação de Cristo. Sobre estes discursos e suas

⁴⁷Ibid., p. 239.

⁴⁸Ibid., p. 240.

motivações redacionais, verificamos a necessidade de observar nestes ensinamentos uma contribuição necessária em analisar as relações históricas e necessárias, para a compreensão do ser humano com suas angústias e relacionar o ser humano com a Misericórdia de Deus.

A misericórdia exige do cristão a responsabilidade de ser no mundo missionário da paz e da justiça. Tal responsabilidade se concentra no objetivo de transformar o mundo em alegria, simplesmente em comunicar experiências que consolem os outros e incentivem a buscar fielmente viver o Evangelho. Esta alegria carregada de afeto de doação mostra o urgente clamor em comunicar com fatos concretos a misericórdia do Senhor. Portanto, o Papa reconhece a autêntica urgência em transmitir ao mundo uma comunicação eficaz que professa o amor e a misericórdia da alegria em pertencer ao pai:

A misericórdia que recebemos do Pai não nos é dada como uma consolação individual, mas torna-nos instrumentos a fim de que também outros possam receber o mesmo dom. Há uma circularidade admirável entre a misericórdia e a missão. Viver de misericórdia torna-nos missionários da misericórdia, e ser missionários permite-nos crescer cada vez mais na misericórdia de Deus. Portanto, levemos a sério o nosso ser cristãos, comprometendo-nos a viver como crentes, porque só assim o Evangelho pode comover o coração das pessoas e abri-lo para receber a graça do amor, para receber esta grande misericórdia de Deus que acolhe todos.⁴⁹

E nas primeiras catequeses do ano de 2016, o Papa Francisco emitiu para a Igreja as motivações iniciais para esta reflexão ao longo do Ano. E, inspirado pela Sagrada Escritura, fez uma analogia sobre o “dia da expiação” em relação com o Ano Jubilar, onde se analisa o perdão com o esquecimento da dívida (cf. Lv 25, 9-13), acontece o mesmo no Ano Jubilar. Mostrou que o perdão é necessário a invadir o coração e para ele ser aliviado por Deus, e doar totalmente esse amor aos outros:

A finalidade era uma sociedade fundamentada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro voltassem a tornar-se um bem para todos e não apenas para alguns, como hoje acontece, se não me engano... Mais ou menos, os números não são exatos, mas oitenta por cento das riquezas da humanidade estão nas mãos de menos de vinte por cento da população. É um jubileu — e digo-o, recordando a nossa história de salvação — para a conversão, para que o nosso coração se torne maior, mais generoso e mais filho de Deus, com mais amor. Digo-vos algo: se este desejo, se o jubileu não chegar aos bolsos, não será um verdadeiro jubileu. Entendestes? E isto está na Bíblia! Não é este Papa que o inventa: está na Bíblia. A finalidade — como eu disse — era uma sociedade baseada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro se tornassem um bem para

⁴⁹FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 30 de janeiro de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160130_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

todos, e não só para alguns. Com efeito, o jubileu tinha a função de ajudar o povo a viver uma fraternidade concreta, feita de ajuda recíproca. Podemos dizer que o jubileu bíblico era um “jubileu de misericórdia”, porque era vivido na busca sincera do bem do irmão necessitado.⁵⁰

O Papa Francisco incentiva a Igreja em despertar sobre si a maior manifestação do amor de Deus, em sua vida eclesial. Estimulou a superar o triste agir do homem, em determinados momentos, e admoestou a busca desenfreada por lucros e melhor qualidade de vida só para si e os seus, mantendo desprezo pelos mais pobres e necessitados, provocando assim o vazio existencial, que em muitos momentos leva a casos extremos de suicídio.

A crise da indiferença é uma das importantes ameaças que provocam o esquecimento da Misericórdia, resultando em diversas ameaças contraditórias ao Evangelho. Por isto, incentivar o mundo a reconhecer os valores éticos e morais que valoriza o outro é uma forte intenção de Papa Francisco, como nos sugere nesta belíssima catequese:

Quantas famílias vivem na rua, vítimas da usura! Por favor, oremos a fim de que neste jubileu o Senhor tire do coração de todos nós este ganância de ter mais, a usura. Voltemos a ser generosos, magnânimos. Quantas situações de usura somos obrigados a ver e quanto sofrimento e angústia existem nas famílias! E muitas vezes, no desespero, quantos homens acabam no suicídio porque não aguentam, não têm esperança, não têm uma mão estendida que os ajude, mas só uma mão que os obriga a pagar os juros. A usura é um pecado grave, um pecado que clama diante de Deus. O Senhor, ao contrário, prometeu a sua bênção a quantos abrem a mão para dar com magnanimidade (cf. *Dt* 15, 10). Ele dar-te-á o duplo, talvez não em dinheiro, mas noutras coisas; contudo, o Senhor dar-te-á sempre o duplo.⁵¹

Nesta mesma percepção triste da realidade que cerca o mundo em crise de esperança e de ajuda dos outros, vemos a misericórdia de Deus afastada de uma melhor proposta de alegria e vida. Em muitas relações de trabalho ou convivência religiosa, o valor está sobre dois pontos, a riqueza e o poder, que poderiam ser bons, se as propostas fossem conjugadas como privilégio de serviço e doação, mas em muitos casos observamos a distância nestas duas formas de ação, provocando mais afastamento e urgência da Misericórdia de Deus. Os resultados são vividos “como privilégio, egoísmo e prepotência, transformam-se em instrumentos de corrupção e morte”.⁵² A Misericórdia

⁵⁰ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 10 de fevereiro de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160210_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁵¹ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 10 de fevereiro de 2016.**

⁵² FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 24 de fevereiro de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160224_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

pode mudar este grande pecado da usura, pois, “é mais forte do que o pecado dos homens”⁵³

Diante das diversas perseguições sofridas, a sociedade se torna a cada dia mais exilada por tantos desafios e medos, nas quais desconfortam a estima pelo crescimento e sentimentos bons vindos de Deus e dos outros. Papa Francisco constata esta realidade desafiadora para catequese da Misericórdia, como transformar o modo de pensar da humanidade secularizada e sofrida pelos exílios modernos para uma motivação vinda do amor do Pai, se as expectativas são sempre maiores e a resposta por Deus entendidas como distanciamento:

Por vezes, também nós podemos viver uma espécie de exílio, quando a solidão, o sofrimento e a morte nos fazem pensar que fomos abandonados por Deus. Quantas vezes ouvimos estas palavras: “Deus esqueceu-se de mim”: são pessoas que sofrem e se sentem abandonadas. E quantos irmãos nossos, por sua vez, estão a viver neste tempo uma real e dramática situação de exílio, distantes da sua pátria, tendo ainda nos olhos os destroços das suas casas, no coração o medo e muitas vezes, infelizmente, a dor pela perda de entes queridos! Nestes casos, podemos questionar-nos: onde está Deus? Como é possível que tanto sofrimento possa abater-se sobre homens, mulheres e crianças inocentes? E quando procuram entrar nalguma parte são-lhes fechadas as portas. E estão ali, na fronteira porque estão fechadas muitas portas e muitos corações. Os migrantes de hoje que sofrem o frio, sem alimentos e não podem entrar, não sentem o acolhimento. Fico muito feliz quando ouço ou vejo que há nações, governantes, que lhes abrem o coração e as portas!⁵⁴

Estes exílios existenciais advertidos em suas catequese mostram o forte compromisso com os pobres da sociedade, existindo nisto a intenção de elaborar meios para uma conversão dos cristãos a Deus, harmonizando o anúncio do Evangelho nas ações dos cristãos no mundo, portanto, “ignorar o pobre significa desprezar a Deus”⁵⁵. E, neste empenhar-se na atividade evangelizadora da não exclusão, tendo Cristo presente a motivação nova e renovadora para viver os laços da fé na prática constante do bem e do amor:

Jesus ensina-nos a não ter medo de tocar o pobre e o excluído, pois é Ele que está neles. Tocar o pobre pode purificar-nos da hipocrisia, tornando-nos inquietos diante da sua condição. Tocai os excluídos. Hoje acompanham-me aqui estes jovens. Muitos pensam que seria melhor que eles permanecessem na sua terra, mas ali sofriam muito. São os nossos refugiados, mas por tantos são considerados

⁵³ Ibid., **Audiência Geral: 24 de fevereiro de 2016.**

⁵⁴ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 16 de março de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160316_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁵⁵ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 18 de maio de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160518_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

excluídos. Por favor, eles são nossos irmãos! O cristão não exclui ninguém, deixa um lugar para todos, permite que todos venham!⁵⁶

As diversas crises do mundo globalizado formam no mundo diversos casos de pobreza, sejam elas espirituais ou materiais, desse modo é necessário observar essas crises e propor uma nova forma de superá-las, apesar de toda a manifestação cultural para uma compreensão injusta, Papa Francisco chama a atenção dos cristãos que se tornem vigilantes de uma realidade transcendente em Cristo, a fim de trabalhar com os meios de ajuda mútua, criativa e caritativa a fim de superar essa realidade. Como apresenta em uma das suas catequeses, a necessidade de reverter a incompreensão injusta do mundo globalizado:

Por causa das mudanças do nosso mundo globalizado, multiplicaram-se algumas formas de pobreza material e espiritual: portanto, demos espaço à fantasia da caridade para identificar novas modalidades de ajuda. Deste modo, o caminho da misericórdia tornar-se-á cada vez mais concreto. Por conseguinte, exige-se que permaneçamos vigilantes como sentinelas, a fim de que não aconteça que, perante as formas de pobreza produzidas pela cultura do bem-estar, o olhar dos cristãos se debilite a ponto de se tornar incapaz de visar o essencial. Visar o essencial! Que significa? Olhar para Jesus, fitar Jesus no faminto, no encarcerado, no enfermo, na pessoa nua, em quantos não têm um trabalho e devem e são responsáveis por uma família. Fitar Jesus nestes nossos irmãos e irmãs; ver Jesus em quantos estão sozinhos, tristes, em quem erra e tem necessidade de conselhos, naquele que precisa percorrer o caminho com Ele, em silêncio, para se sentir em companhia. São estas as obras que Jesus nos pede! Ver Jesus neles, nestas pessoas. Por quê? Porque é assim que Jesus me vê, é assim que Ele vê todos nós!⁵⁷

Quando nos fechamos e nos isolamos em nosso mundo de conforto e bem-estar, vendo a pobreza como algo distante, algo abstrato, mesmo que participemos de ações coletivas e campanhas de caridade, sem ter no coração qualquer identificação com a dor do pobre, ou seja, sem misericórdia, mesmo que valorizados pela opinião pública, não podemos contar com a luz de Cristo. Porém, se estas mesmas ações e campanhas nos levam a entrar em contato com os pobres nas ruas e em seus locais miseráveis, mesmo que ninguém nos veja, sentiremos sobre nós o olhar de Cristo.

A pobreza em abstrato, quando fechamos em nosso bem estar, até querendo provocar situações de iniciativas coletivas e campanhas caritativas, mas não marca em nosso coração a dor pelo sentimento do pobre, não ascende a luz de Cristo nesses

⁵⁶FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 22 de junho de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160622_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁵⁷FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 30 de junho de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160630_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

diversos momentos de caridades, por isto, quando enfrentamos as obras de misericórdia, enfrentando o pobre nas ruas e nos locais onde estão, sentimos em nosso coração mais do que imagens emitidas pelas opiniões publicas, mas o olhar de Cristo em nós.

E existe o questionamento: qual é a minha reação? Desvio o olhar e sigo em frente? Ou paro para falar e interessar-me do seu estado? E se fizermos isto, haverá alguém que diz “Este é louco porque fala com um pobre!” Verifico se posso acolher a pessoa de algum modo ou procuro livrar-me rapidamente?⁵⁸

Esta necessidade deve ser instrumento para vencer a autoridade de um mundo capitalista e esvaziado de sentido, propondo uma nova forma de pensar esta realidade, isto se encontra nos homens e mulheres que creem no Cristo misericordioso, portanto, não se pode deixar que a hipocrisia do mundo supere a responsabilidade do bem do cristão e nem tornar o espírito insensível e a vida estéril. A vida deve ser superada, a necessidade da caridade para os outros mantém o espírito vivo, pois, “quem não vive para servir, não serve para viver.”⁵⁹

E uma das formas concretas em atingir essa misericórdia na vida do mundo, será uma maior manifestação das promessas do Senhor, na Eucaristia. Esta forma gradual participativa de toda a vida comunitária estimula uma vida espiritual sendo um percurso diário de comunhão aos outros, para isto, a Ceia com o Senhor é um caminho de vida a fim de eliminar o desejo de limitar-se com as injustiças e de força para ser contrário aos ensinamentos egoístas do mundo.

A misericórdia de Deus, na Eucaristia se mostra em sinais concretos do partir do pão no sinal mais concreto do espírito dessa realidade, se dá no outro a necessidade por quem não tem pão ou outro tipo de sinais concretos na sua vida diária, a comunhão dessa realidade com mundo é sinal da concretude da graça de Deus comunhão há vida da Igreja. Portanto, a comunidade cristã nasce e renasce continuamente desta comunhão eucarística.⁶⁰

⁵⁸cf. FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 19 de Outubro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161019_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁵⁹cf. FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 19 de Outubro de 2016**.

⁶⁰FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 17 de Agosto de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160817_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Este sinal atingido no centro do coração da Igreja transmitida aos homens desse tempo deve ser sempre atual, sentido nisto sua presença real, com os desejos e necessidades de Deus em construir um mundo mais plural e inserido na realidade de cada coração em particular, afastando as crises pessoais de convicções ideológicas. Como apresenta Papa Francisco em um importante momento de sua catequese:

A admoestação de Jesus é sempre atual: ainda hoje o homem constrói imagens de Deus que lhe impedem de sentir a sua presença real. Alguns modelam uma fé “particular” que reduz Deus ao espaço limitado dos próprios desejos e das próprias convicções. Mas esta fé não é conversão ao Senhor que se revela; ao contrário, impede-lhe de estimular a nossa vida e a nossa consciência. Outros reduzem Deus a um ídolo falso; usam o seu nome santo para justificar os seus interesses ou até o ódio e a violência. Para outros ainda, Deus é somente um refúgio psicológico no qual se sentir seguro nos momentos difíceis: trata-se de uma fé fechada em si mesma, impermeável à força do amor misericordioso de Jesus que impele rumo aos irmãos. E outros ainda consideram Cristo apenas um bom mestre de ensinamentos éticos, um dos tantos da história. Há finalmente aqueles que sufocam a fé numa relação puramente intimista com Jesus, anulando o seu impulso missionário, capaz de transformar o mundo e a história. Nós cristãos acreditamos no Deus de Jesus Cristo, e o nosso desejo consiste em crescer na experiência viva do seu mistério de amor.⁶¹

Em outro momento em uma das suas catequese, Papa Francisco aprimora o conhecimento da misericórdia em detrimento ao sentimento da compaixão, para aprender isto é importante sentir-se na busca por Deus, no resultado do perdão e na consolação que recebemos Dele, e nasce em nós o aprendizado preciso, sendo pecador apaixonamos por Deus e sentimos seu perdão, somos responsáveis em transmitir aos outros a grande estima pelo homem, aproximar dos outros com a intensidade desse relacionar do homem a Deus, abrindo uma misericórdia que nasce do coração do Pai a cada cristão, fecundando com coragem difíceis encontros com os outros e com a sociedade.⁶² Como afirma Papa Francisco, a favor de um imperativo ético da misericórdia:

Papa Bento XVI, na Encíclica *Caritas in veritate*, afirma: “Dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja. [...] O direito à alimentação e à água revestem um papel importante para a consecução de outros direitos [...] É necessária a maturação duma consciência solidária que considere a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações” (n. 27). Não nos esqueçamos das palavras de Jesus: “Eu sou o pão da vida” (*Jo 6, 35*) e

⁶¹FRANCISCO, Papa. **Ibid.**, **Audiência Geral: 7 de Setembro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160907_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁶²cf. FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 14 de Setembro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160914_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

“Venha a mim quem tem sede” (*Jo 7, 37*). Para todos nós, crentes, estas palavras são uma provocação a reconhecer que, através do dar de comer aos famintos e de beber aos sedentos, passa a nossa relação com Deus, um Deus que revelou em Jesus o seu rosto de misericórdia.⁶³

2.3. Comentário

Na observância aos aspectos dos clamores da misericórdia são observados os diversos aspectos negativos que transformaram as relações humanas em um vazio de afeto, em que os valores capitalistas de trocas e lucros são os mais importantes que os sentimentos humanos. Portanto, nesta sessão são percebidos alguns valores da crise do mundo pelo sentido de uma cultura da misericórdia.

E observamos nesta urgência da busca pela misericórdia uma linha em comum, o conhecimento da Igreja e os resultados da sua missão, como modelo em atingir ao mundo uma transformação sentimental. A mensagem deve chegar aos corações e os transformando em humanos cada vez mais sociáveis, compassivos e que exercem na sua vida justiça e perdão, só dessa maneira serão observados os valores da prática da misericórdia.

A misericórdia não pode ser um entendimento puramente legalista do ponto de vista humanitário social, onde as mazelas dos outros são características do exercício para extinguir a problemática percebida diante de momentos factuais, como catástrofes ou atos violentos de comoção coletiva. E momentaneamente exercer o bem, emitindo ao mundo respostas para essas necessidades dos outros, mas a misericórdia deve ser, sim, a vivência de uma estrutura de solicitude solidária em vista do outro, compadecendo dos vários modos de urgências do mundo que nasce quase crescente e sem percepção. Portanto, a misericórdia é uma dimensão vista no âmbito social e pessoal, deve sempre atingir a prática de uma justiça solidária levando ao pleno entendimento de uma paz social e pessoal, chegando a todas as problemáticas no mundo. É uma característica dos que entendem a misericórdia como exercício subjetivo, esta motivação nasce do amor ao próximo e da razão ética de exercer na comunidade, em vista da comunhão e misericórdia. A existência de variadas situações de sofrimentos: dores, angústia, guerra,

⁶³FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 19 de Outubro de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161019_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

violência, etc. Se faz sentir em si a capacidade de gerar sentimento de solidariedade e alívio aos outros, pela prática da misericórdia. Esta forma de atuar nas diversas medidas, Ingo Proft a chama de qualidade ética da misericórdia, que nasce de modo subjetivo, mas vai ganhando no mundo a participação da comunidade:

(...) com misericórdia, como expressão individual do pedido pessoal (a partir do movimento interno para assistência ativa) contra uma experiência interlectur doloroso, do ponto de vista ético institucionalização de misericórdia, em caso de emergência, é necessário fornecer viabilidade, resistência, durabilidade e capacidade de gestão. Portanto, a questão sobre o lugar de misericórdia no campo social surge.⁶⁴

O marco espiritual da misericórdia atinge a alegria do perdão e favorece a unidade ao Evangelho de Cristo, e, se volta à prática, não puramente orientada pelo fato histórico vivido naquele tempo, mas no pleno exercício renovado da Igreja e seus seguidores em todas as épocas históricas. Esta é a maneira de compreender a cultura da misericórdia de Deus, um momento de buscar interior no sentido da vida pessoal, como “uma coexistência dialógica de responsabilidade individual e responsabilidade social”.⁶⁵ Onde todos são envolvidos diretamente e responsável ao cuidado dos que sofrem.

O conceito de misericórdia nos convida a conhecer a sua potência revolucionária. Onde tem razões inspiradoras da unidade da caridade cristã ao serviço ao próximo e ao serviço a Deus. Esse serviço, sendo conduzido pela liberdade e o testemunho das comunidades cristãs, forma a compreensão cristã sobre o desejo de ajudar caritativamente sem uma obrigação moral, características sempre a formar um caráter de justiça e misericórdia. E o que chama a atenção sobre esta prática são duas perguntas existenciais: “Por que não fazer? O que nos impede?”⁶⁶

Como menciona Thomas Kraft a realização do amor misericordioso está inserida em uma cultura de valores das práticas espirituais e corporais da virtude da misericórdia empregada pela Igreja de maneira histórica caritativa. A realização dessa unidade com a comunidade cristã vem crescendo e promovendo empregos sociais, tais como: hospitais, centros sociais, etc. Favorecendo verdadeiros lugares de uma estrutura social.

⁶⁴Cf. PROFT, Ingo. “La misericordia entre el derecho legal y deber de virtud”. In: AUGUSTIN, G. (ed.) *El evangelio de la misericordia*. Maliaño: Sal Terrae, 2016, pp. 136-137.

⁶⁵Cf. *Ibid.*, p. 141.

⁶⁶Cf. KRAFT, Thomas. “El espíritu de la época y la misericordia. Una contribución al discernimento de espíritu.” In: AUGUSTIN, G. (ed.) *El evangelio de la misericordia*. Maliaño: Sal Terrae, 2016, p. 169.

Devido aos avanços científicos e tecnológicos desenvolvido pela cultura do capitalismo enfrentamos uma proposta contra o sentimento humanitário, em que os maiores valores são as trocas financeiras, surgindo as dificuldades da Igreja em desenvolver uma melhor cultura da misericórdia, verificamos historicamente diversos centros sociais e hospitais católicos sendo fechados pela crise do capitalismo, tendo como resultado a cultura do vazio.

E verificamos outra dificuldade de viver no mundo, a prática da justiça no mundo com o equívoco dos conceitos da justiça e a misericórdia. Percebe-se em muitos aspectos teológicos a confusão conceitual, entende os conceitos como distantes entre si e em outros casos excesso de misericórdia em casos particulares, em que inflige o caráter messiânico de uma justiça divina. E como se faz para entender tal equívoco? Seria por acaso a misericórdia um atributo revelado pela justiça divina? Estas indagações apresentadas por Thomas Kraft demonstram resultados contrários a prática de Cristo veste em muitos aspectos na situação de algumas práticas pastorais da Igreja, tais como:

(...) a dificuldade reside em combinar dois pressupostos. Por um lado, pretende afirmar a indissolubilidade do matrimônio sacramental, mesmo quando tenha sido dissolvido pela lei civil e da práxis vital. Por outro lado, ele é considerado um perigo ruim ou grande que uma pessoa recebe o Corpo de nosso Senhor ter pecado, e estar em uma posição para fazê-lo novamente. Supostos ambos estão relacionados na medida em que a indissolubilidade do matrimônio segue-se que vivem com outra pessoa que não seja o cônjuge original for considerado adultério continua e, conseqüente, o pecado prolongado.⁶⁷

A comunicação com o Senhor nos faz perceber que todos podem participar do seu corpo, apesar de seus pecados, pois, existe acesso ao perdão. Porém, a Igreja diante de todos os desafios inerentes ao tempo vigente, deseja com todo esforço proteger a verdade do sacramento do matrimônio e a justiça social, andando de encontro a misericórdia, porém, sobre aspectos diferentes, como menciona Thomas Kraft:

Assim, estamos diante de dois conceitos diferentes de misericórdia: em primeiro lugar, a misericórdia, como a aceitação incondicional da existência humana; e em segundo lugar, à mercê daqueles que se sentem compelidos a negar algo a outro para salvá-lo da destruição e considera, portanto, que você não pode ser muito misericordioso. De acordo com esta maneira de ver as coisas, não é uma medida da misericórdia não é para nós para dar aos homens, pois que misericórdia excesso de violar a lei divina. Mas tal misericórdia, na verdade, se transforma em seu contrário.⁶⁸

⁶⁷ Ibid., p. 169.

⁶⁸ Ibid., p. 170.

A justiça social relaciona-se com a misericórdia, devendo ser sempre justa no modo de perpetuar o sistema social em todos os seus fragmentos, não apenas um modelo de retribuição meramente quantitativa, mas o marco essencial distributivo, exercendo o espírito da verdade de Cristo. Portanto, nos chama a atenção se a justiça social não for devidamente habilitada a desenvolver uma justiça social habilitada na distribuição de bens a partir de uma concepção distributiva.

Essa maneira igualitária possibilita o equilíbrio entre a justiça e solidariedade capaz de liberar sobre toda uma finalidade limitada que julga correto e eficiente a distribuição dos bens na sociedade como toda. Portanto, a misericórdia deve estar carregada desse benefício à sociedade, como princípio manifestado pelo amor e a Graça do Espírito Santo, sendo uma necessidade ética, vinda do contentamento de Deus na ajuda ao outro.⁶⁹

Outra dimensão importante para viver a igualdade social de forma justa é a atitude da dignidade humana em vista de um bem espiritual. A dignidade do valor do homem é uma característica necessária e importante como formação e participação da preparação para uma forma correta de usar a faculdade da liberdade, que acompanha a responsabilidade como critério da misericórdia. A misericórdia atua como responsabilidade no benefício e atuação pela dignidade de um próximo, um afeto emocional característica de uma responsabilidade ética de viver bem sua espiritualidade, favorecendo a realidade que os cerca.⁷⁰

O conceito da misericórdia atual nos convida a reconhecer os outros e nos conhecermos neles de forma direta e autêntica. Desta prática de liberdade e de forte característica afetuosa, reconhecemos o outro como relação de misericórdia, vindo desse amor incondicional de Deus, abrindo nosso coração ao centro da essência dos que sofrem, refletindo na maneira individual e ética de abrir o coração aos outros. Segundo. Thomas Krafft, o conceito de justiça divina, não pode ser conceito separado da misericórdia, quando se faz isto, corre o risco de desvincular a misericórdia e justiça e corre risco de se ter situações e propostas separadas, gerando a dúvida no correto agir de Deus na história humana.⁷¹

⁶⁹Cf. PROFT, Ingo, *La misericordia entre el derecho legal y deber de virtud*, p. 142.

⁷⁰ Ibid., loc. cit.

⁷¹Cf. KRAFFT, Thomas, *El espíritu de la época y la misericórdia. Una contribución al discernimento de espíritu*, pp. 168-169.

A misericórdia está intimamente ligada à dignidade humana, nela existindo o cultivo da assistência ao outros, tendo os critérios claros na assistência ética da misericórdia, esta capacidade ancorada pela liberdade em responder ao bem e em diminuir a dor do próximo e o ajudar na busca de sentido da vida. Por isso, em diversas maneiras somos formados com critérios a experimentar mais o amor de Deus, o desejo da Igreja em crescer a dignidade humana a nós e transmiti-la. Desta maneira, somos inseridos ao cuidado do próximo, e responsável em cultivar com os critérios de caridade a força da Palavra de Deus em reais transformações da sociedade, como afirma Ingo Proft:

Daí a forma tradicional de misericórdia cristã pode ser entendida de forma totalmente consciente como vivia sob tensão entre o dever de virtude e direito legal, a tensão não conta muita perspectiva baseada nos resultados pessoais. Assim, pois, então a misericórdia não é, em primeiro lugar, uma questão opcional ou tampouco midiática, mas algo a ser posto em prática.⁷²

O espírito da época gera no indivíduo um afastamento crítico da realidade, favorecendo o conformismo e neutralizando qualquer possibilidade de comunicação de um investimento concreto de mudança. Dessa forma, gera um sentimento de vazio existencial, e tendo uma ausência de alegria e tranquilidade da realidade, resultando em seres vazios e desumanizados.

Segundo Thomas Kraft este espírito da época deva ser percebido e interpretado as tentações do mundo em contrapor aos valores evangélicos, interpretando-os de uma melhor característica ao seu entendimento pessoal, e, exercendo ao exterior mais capacidade do que influenciar o modo de viver interiormente, seguindo sempre aos modelos do mundo e ao espírito do mundo. Ele conceitua estes aspectos ao espírito da época que subtraia a contemporaneidade em não identificar a misericórdia de Deus com pleno sentido de uma espiritualidade sadia que leva o cristão a seguir o Evangelho.⁷³

Concretamente uma das maiores incidências da crise do vazio existencial é o pensamento angustiante da definição pelo futuro, motivado pelo espírito do capitalismo, no qual somos certamente condicionados a pensar em bens e propriedades, cedendo ao negócio e ao lucro desenfreado, prontamente exercitamos a vontade

⁷² PROFT, Ingo, *La misericordia entre el derecho legal y deber de virtud*, p. 145.

⁷³ KRAFFT, Thomas, *El espíritu de la época y la misericórdia. Una contribución al discernimento de espíritu*, p. 172.

desorganizada de adquirir bens que supostamente trazem a felicidade, não acontecendo isto, o vazio existencial invade o ser humano.

Thomas Kraft avalia esta disposição comum gerada pelo capitalismo, como uma das maiores angústias do mundo, resultando no crescimento da pobreza e gerando o afastamento da religião, não acontecendo assim a cultura da misericórdia. Dessa maneira, fica claro a ideologia afetada na humanidade pelo capitalismo, não aparentemente um sistema econômico, mas sim uma corrente de convicção que adere na comunidade gerando seres cada dia mais individualistas:

O capitalismo é mais que um sistema econômico. O capitalismo é uma ideologia. Atrás dele é a ideia de que a justiça é mensurável e, na medida em que é desconfortável, também removível. O mais importante parece ser a gestão de relacionamento correto. O encontro entre as pessoas dá cada vez mais caminho para a regularização objetivo de uma sociedade tecnicamente constituído. Acredita-se que você não pode fazer nada de errado meramente para aumentar a própria energia. Se algum dia você sabe o que fazer, pode-se particularmente isso com a maior potência e eficiência. Mas até então, é dito para manter unida a mesma e aumentá-la é uma virtude. Comparado com o próprio, o outro perde importância.⁷⁴

A misericórdia de Deus exige ser experimentada e proclamada, promovendo ao mundo a necessidade concreta aos sofrimentos e dramas humanos. Manuel Sánchez Monge afirma que a Igreja deve contribuir na necessidade das famílias no sentimento de conversão a Deus. Segundo ele, o divórcio tem causado muitas vítimas, em especial os filhos, gerando violências cada vez mais frequentes nas famílias. Esta realidade deve ser uma atenção das comunidades eclesiais em apresentar uma experiência da misericórdia, promovendo o amor plasmado em Cristo. Assim, Sánchez, mostra algumas indagações que devem estar na busca para promover uma cultura da misericórdia partindo das famílias:

Mas que novos compromissos pessoais e comunitários podem adquirir? Que respostas e propostas operativas novas poderemos começar e outras continuar? Para perceber a realidade da misericórdia deve propor uma série de questões: Como educar no amor verdadeiro e prevenir os diversos dramas que se podem apresentar em muitas famílias? Como mostrar a beleza e a possibilidade de Cristo de viver em nosso contexto social um amor conjugal fiel, exclusivo, estável, indissolúvel, aberto à vida? Como fazer presente e operante os dramas e suas consequências a misericórdia de Deus, que se inclina para restabelecer sua Aliança com todas e cada uma das pessoas e situações anteriormente expostas? Como acompanhar as mulheres que vivem

⁷⁴ KRAFFT, Thomas. *El espíritu de la época y la misericórdia. Una contribución al discernimento de espíritu*, p. 177.

a angústia e o desesperança? Como mostrar para o dom de cada vida humana e bem-vindo além das dificuldades?⁷⁵

Segundo Sánchez, outro drama vivido no mundo pós moderno é o afastamento dos enfermos e das pessoas anciãs, este difícil encontro com eles nos faz examinar a atenção ao sofrimento aos dramas não apenas físicos, mas ao estado de abandono espiritual e psicológico, com tantos fora das realidades sociais, vivendo a solidão e o vazio. Portanto, a cultura da misericórdia deve proporcionar uma atenção e um acompanhamento às famílias e, se necessário, deve-se estar atento aos casos propícios da morte, promovendo todos ao abraço do Pai da misericórdia. Este serviço atento da Igreja mostra o rosto da misericórdia e a consolação da comunidade cristã aos sofrimentos desses que hoje são esquecidos pela sociedade.

Portanto, cultura da misericórdia deve esta atenta a todas as diversas esferas da sociedade, promovendo no interior da Igreja uma urgência em revelar o rosto misericordioso do Pai, não apenas em um sentido meramente teórico, mas na prática responsável que traz em si o sentido de uma renovação de todas as esferas eclesiais. O chamado da misericórdia nasce do clamor das dores de um mundo que grita pelo amor de Deus. Assim, percebemos como nos cita Maria Clara Lucchetti Bingemer:

(...) Uma Igreja que não seja fiel à vocação de irradiar a misericórdia estaria traindo seriamente sua vocação e sua identidade. E falharia gravemente em sua missão de ajudar a humanidade a ser cada vez mais humana e, portanto, cada vez mais conforme ao sonho do Criador.⁷⁶

A Revelação de Deus atinge sua essência no amor prático da misericórdia, este amor vivido e sentido nas relações humanas. As práticas da misericórdia nascem da necessidade do encontro do diálogo do amor, que deve ser vivido na experiência pastoral dos diversos modos de exercitar a misericórdia de Deus, seja corporal ou espiritual.

A misericórdia está interligada à necessidade de dialogar para a cultura da misericórdia. É diálogo que todas as pessoas devem ter. E também com outras religiões. Este diálogo nasce da necessidade do respeito e do perdão, trazendo em si uma grande capacidade para conversão para o diálogo e oração. Nessa expressão humilde e

⁷⁵MONGE, Manuel Sánchez. **Este es el tiempo de la misericórdia**. Maliaño (Espanha): Editorial Sal Terrae, 2016, p. 159.

⁷⁶BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “**Exigências éticas da misericórdia**”. In.: MILLEN, Maria Inês de Castro e ZACHARIAS, Ronaldo (Org.). **O Imperativo Ético da Misericórdia**. Aparecida: Santuário, 2016, p. 157.

respeitosa, mostrando o equilíbrio antropológico, desenvolvendo na relação harmoniosa com o Criador, a Igreja compreende melhor o amadurecimento humano que só pode acontecer em uma unidade harmoniosa entre o corpo e o espírito.

Esse diálogo profundo da misericórdia do Pai transforma e exige uma entrega com a maturidade espiritual, expressando-nos diversos níveis do diálogo, como a consciência de perceber que o outro se difere da doutrina ou da maneira que celebrou a verdade. Porém, a misericórdia faz amadurecer as razões de fé, que favorecem o encontro dos outros por sua natureza divinizada, que ultrapassa quaisquer sentimentos separatistas, mas concentram na unidade da comunhão entre pessoas.

Sobre o diálogo da misericórdia, Maria Teresa de Freitas Cardoso mostra a importância dele e dados para desenvolvê-lo, com uma reflexão feita a partir das sugestões do Papa Francisco no documento da abertura do Ano Jubilar, a bula *Misericordiae Vultus*. No seu estudo, ela mostra que a misericórdia pode ser aprofundada com o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso e com o diálogo com a cultura, envolvendo as pessoas e os profissionais, de modo interdisciplinar. Sobre o diálogo da misericórdia entre os cristãos, vemos que a misericórdia pode ser buscada e compartilhada de vários modos:

Os cristãos podem apoiar-se uns aos outros na busca do Deus misericordioso e no acolhimento de sua graça, que é preciosa e que compromete. Contemplarão juntos Jesus como o rosto da misericórdia do Pai. Aprofundarão as riquezas da misericórdia de Deus. Estarão juntos na invocação do Espírito e na edificação uns dos outros pelos dons do Espírito, com o primado da caridade. Compartilharão a oração do Pai-Nosso, que pede a Deus o perdão abrindo o próprio coração a perdoar. A missão dos cristãos no mundo levará a proclamar, por meio de palavras e obras, as misericórdias de Deus.⁷⁷

Portanto, a misericórdia deve ser aprofundada na Igreja e animar os diversos cristãos em aproximar-se num melhor diálogo ecumênico e inter-religioso. A misericórdia deve humanizar e encontrar o sentido de unidade e aprofundar a ajuda e o respeito ao próximo.

No estudo vimos que Kasper e Papa Francisco falaram de uma cultura da misericórdia. Temos a necessidade do diálogo para a cultura da misericórdia. Pelo

⁷⁷CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. **Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da Bula *Misericordiae Vultus*. *Atualidade Teológica* n° 54, setembro/dezembro 2016, p. 607.**

diálogo as pessoas podem ajudar nas obras da misericórdia. Os cristãos devem colaborar como sinais da misericórdia de Deus e facilitadores da cultura da misericórdia.